

POESIA E ACADEMIA: ESSA RIMA PODE DAR SAMBA? ANOTAÇÕES E REFLEXÕES PARA A REVISTA *ÁRTEMIS*

Izabel Brandão

RESUMO

Ao perguntar se a rima “poesia e academia” dá samba, teço algumas reflexões sobre o GT A Mulher na Literatura, sua importância para os estudos feministas no Brasil e a sua relação com o contexto literário. Da mesma forma, essas reflexões se estendem para a revista *Ártemis* que faz vinte anos, sendo esse aniversário uma celebração desses mesmos estudos feministas que abraçam várias áreas, incluindo a literatura. E fechando a rima, exponho sobre minha caminhada de poeta que intercala vida acadêmica e produção poética, numa ordem nem sempre linear, mas consequente e contínua.

Palavras-chave: Estudos Feministas. GT A Mulher na Literatura. Revista *Artemis*. Poética Pessoal.

ABSTRACT

By asking whether the rhyme “poetry and academy” holds a true connection, I weave a number of reflections about the Research Group GT A Mulher na Literatura and its importance for the feminist studies in Brazil and its relationship with the literary context. In the same way, these reflections extend to the Journal *Ártemis* which is turning twenty, and this anniversary is a celebration of these feminist studies that embrace various areas, including literature. And to close the rhyme, I write about my journey as a poet who interweaves academic life and poetic production, in an order which is not always linear, but consistent and continuous

Keywords: Feminist Studies. Women in Literature WG. Journal *Artemis*. Personal poetics.

A revista *Ártemis* completa 20 anos e é com muita alegria que aceitei o desafio de fazer um pequeno depoimento para este periódico, formalizando algumas pontuações sugeridas pela querida colega, Luciana Calado Deplagne, parceira de trabalho cuja amizade temos construído a partir do alicerce feminista que nos une já há alguns muitos anos no GT, hoje com nome e sobrenome: GT A Mulher na Literatura – crítica feminista e estudos de gênero.

As sugestões seguem o GT, a revista *Ártemis* e a minha fala (des)acadêmica de poeta. Uma estrada longa, mas que, significativamente, compõe minha caminhada.

Izabel F. O. Brandão

Professora Titular (Literaturas em Inglês e Brasileira Contemporânea) do PPGLL-FALE/ Universidade Federal de Alagoas. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4723-9046>. E-mail: ifob.izabel@gmail.com

Devo voltar um pouco no tempo, e saldar a UFPB, que também considero minha casa, uma vez que aí iniciei meus estudos, quando cursei Licenciatura Plena em Letras-Inglês (1977-1980), antes de seguir para a UFAL, trabalhar como professora da área de inglês no curso de Letras.

O GT A Mulher na Literatura faz parte da minha caminhada de pesquisa desde que retornei do doutorado na Inglaterra, em fins de 1991. Procurei, na época, Nádia Gotlib que haviam me informado ser a coordenadora do GT e ela, muito gentilmente, me enviou uma cartinha (atenção: cartinha!) para dizer que a coordenadora era ninguém menos que Susana Funck, a quem eu tinha conhecido nos tempos do mestrado na UFSC, tendo ela sido minha professora e membra da minha banca de mestrado. Susana foi quem me iniciou nos estudos feministas. Construímos também uma relação de amizade que perdura até hoje. Então essa história vai longe. No GT fui também coordenadora (1998-2000), antes dos corridos tempos da internet, do Whatsapp, quando nossos boletins mensais, enviados ainda pelo correio, davam conta das pesquisas, indicações bibliográficas e as publicações das colegas cuja caminhada nos estudos feministas seguia de vento em popa no país. Durante o período em que estive na coordenação do GT, organizei o Boletim Nº VIII, que consegui publicar pela editora da Universidade, a Edufal, com o apoio do Núcleo Temático Mulher & Cidadania. Também, conjuntamente com a saudosa Zahidé Muzart organizamos o livro *Refazendo nós – ensaios sobre mulher e literatura*, que publicamos em 2003, pela Editora Mulheres, com o apoio do nosso Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UFAL. Esse livro reuniu trabalhos das nossas gestões, incorporando pesquisas produzidas e apresentadas em dois eventos do GT, em Niterói (2000), e em Gramado (2002). Dando um pequeno salto no tempo, durante outro encontro do GT, desta vez na UFMG, aprovamos um projeto de pesquisa que coletivizou os esforços do grupo em realizar uma empreitada que congregou pesquisadoras de todo o país e teve a colaboração de pesquisadoras estrangeiras. Esse projeto foi uma proposição da amiga e colega de GT Ildney Cavalcanti (UFAL), e juntas coordenamos a pesquisa com mais duas outras colegas, Claudia de Lima Costa (UFSC) e Ana Cecília Acioli Lima (UFAL), o que veio a se transformar na antologia *Traduções da cultura: perspectivas críticas feministas (1970-2010)*, financiada pelo CNPq e última publicação da editora Mulheres, em colaboração com as Editoras da UFSC e da UFAL, em 2017. Essa antologia é hoje um marco dos estudos feministas no país pelo seu alcance. As traduções e comentários foram realizados por colegas brasileiras/os e estrangeiras, pesquisadoras/es de diversas instituições nacionais e estrangeiras, uma verdadeira força-tarefa de trabalho coletivo que demarca efetivamente a relevância do GT para as pesquisas feministas no Brasil. Cabe ainda apontar que esta antologia conta com a primeira tradução para o português de um fragmento do livro *Le rire de la méduse* (O riso da medusa), de 1975, da feminista francesa Hélène Cixous, pela querida Luciana Deplagne. Pela ampla e contínua procura da antologia, está em andamento uma nova revisão visando possivelmente uma versão e-book.

As pesquisas feministas também encontram eco na revista *Ártemis* que tem sido porta-voz de um imenso número de pesquisadoras e pesquisadores interessadas/os

nas questões feministas e de gênero ao longo desses últimos vinte anos. Para construir uma opinião sobre o periódico fui fazer uma pesquisa sobre os temas publicados e fiquei encantada com o amplo leque de produções, que vai desde memória, saúde, educação, prostituição, mitologia, cinema, multiculturalismo, direito, sexualidade, masculinidade, corpo, humor, decolonialidade, maternidade, aborto, feminismos africanos, humor, autoria feminina, literatura indígena, questões queer, mulheres negras e muitos outros temas, incluindo ecologia, ecofeminismo (2008, 2013, 2018 e 2020), tema este que tem estado no cerne dos meus interesses de pesquisa nas duas últimas décadas. A revista tem, então, um rico perfil inter/trans/multidisciplinar, mas ecoando forte o contexto literário e os estudos feministas e de gênero e, para mim, que tenho pesquisado sobre ecologia e literatura, foi um imenso prazer ter sido convidada a organizar um dossiê publicado em 2020 tematizando “Literatura e Ecologia: vozes feministas e interseccionais” (vol. 29.1). Esse dossiê me mostrou uma face da pesquisa na área que materializou a necessidade de essa temática continuar sendo pesquisada visando o esclarecimento dos muitos equívocos ainda pertencentes a esse campo. A publicação de dossiês tem sido uma força para a revista *Ártemis* e, com certeza, o campo de pesquisa não pode prescindir dessa continuidade. Ver o crescimento da avaliação do periódico pelas instâncias de fomento no país é sinal de que a editoria da revista tem seguido o caminho certo.

A última perspectiva a ser abordada aqui diz respeito não à academia, mas o que mobiliza muitas pesquisas, que é o contexto de criação literária, um campo que também tenho atuado, mas que, de certa forma, tem sido preterido pela acadêmica que sou. Falar sobre essa veia é, para mim, uma abertura visceral que espero ser capaz de percorrer com o devido distanciamento e poder falar um pouco sobre minha caminhada poética.

Em 2007, recebi o título de Cidadã Honorária de Maceió. Foi um dos momentos mais estranhos que já passei na minha vida, quando Ivanilda Verçosa, uma amiga e ativista política feminista, me ligou na UFAL para me dizer que havia me indicado para receber o título e que o vereador Tomaz Beltrão (PT) aceitou a indicação. Para mim foi difícil entender que estava oficialmente me tornando da terra alagoana. Fiz discurso e li na tribuna da Câmara dos Vereadores de Maceió.

Assim fui “batizada” cidadã honorária de Maceió. Nunca pensei. Ali estava configurado para mim que não importava o que eu quisesse, era agora cidadã de Maceió. Meu filho Pedro nasceu em Maceió. É maceioense. É alagoano. E a mãe, com um título de cidadã de Maceió, é alagoada, que, por definição de um poeta alagoano, é quem tem o porto como referência e, de certa forma, está sempre de passagem. Sou então uma mineira alagoada. E já refleti muito sobre isso, porque sou mineira e gosto de ser mineira. E mineira de Pedra Azul, uma pequena cidade cercada de pedras, num vale perdido na pobreza do Jequitinhonha, de família pobre, mas no dizer do interior, honrada. Filha de um motorista de caminhão, baiano, que se casou com minha mãe, deu-lhe três filhos e partiu do mundo sem aviso, de um ataque fulminante do coração. Até outro dia sentia-me destituída de pai e nunca falei disso. Falo agora, porque o

contexto desse depoimento para a Ártemis permite esse novo momento na minha vida em que, ao que tudo indica, a poesia será um dos meus nortes de agora por diante.

Assim, quero falar do que acredito e do que escrevo, porque um e outro estão interligados, não há como desfazer o laço: sinto, penso, escrevo e, por isso, falo.

Tenho três livros de poemas publicados e muitos por fazer. O quarto está a caminho. Falarei deles agora.

Quando tomei consciência de que era poeta? Creio que desde a adolescência, pois escrevo desde essa época turbulenta de nossas vidas. Entretanto, saber mesmo o significado de ser poeta, assumir-se poeta, isso tem mais de trinta anos, quando eu ainda não tinha nenhum livro publicado e estava no meu doutorado, na Inglaterra, um capítulo à parte nessa história.

Durante um congresso sobre o poeta Ted Hughes, em Manchester, conheci um colega de doutorado chamado Terry Gifford. Nosso primeiro contato foi unido pelo contexto da poesia e nossas conversas infundáveis trocavam experiências desse campo. Ele já tinha dois livros publicados e que tinham sido muito bem aceitos. E nesse espaço afetivo da poesia nos tornamos amigos e se o doutorado me isolou como pesquisadora num país estranho, o laço com Gifford me proporcionou uma experiência sem par tanto no ensino da literatura quanto da poesia, pois foi através dele que conheci muitos poetas e escritores/as de renome e também desconhecidos – por lá, o traço entre a fama e o anonimato não torna ninguém melhor do que ninguém.

Nosso país ainda tem uma experiência ruim com isso. Quem é conhecido torna-se separado do outro, do comum. Cria-se uma aura de idolatria que é ruim, pois leva quem produz, mas não entrou nos circuitos editoriais, a um sentimento de marginalidade opressora. Lá em Sheffield conheci muita gente de renome que se sentava comigo numa sala ou num pub como gente normal, pessoas que de diferente, tinham apenas uma profissão respeitada, independentemente de serem ou não famosos.

E fiz parte de um grupo de poetas chamados “Sticky Bun Club” que se reunia uma vez por mês, para conversar poesia e tomar vinho. Cada um de nós levava um ou dois poemas e lia para o grupo e aí as pessoas diziam do que o poema trazia: imagens que funcionavam ou não, linguagem adequada ou não; se aquele poema funcionava como poema ou se simplesmente era apenas um momento catártico que não serviria para ser entregue a um determinado público. Essa foi uma das lições que aprendi com o grupo: ninguém escreve apenas por escrever. É preciso ser responsável pelo que entregamos a esse público. Assim, há poemas que vêm prontos e esses são raros, e há aqueles que precisamos muitas vezes laborar com a palavra para que as imagens e metáforas possam efetivamente expressar o sentido do que queremos mesmo dizer. Essa consciência da responsabilidade pela palavra me fez entender que cada vez que escrevo um poema, preciso saber se o que está escrito de fato expressa não apenas um sentimento, mas expressa também a racionalização desse sentimento e isso vem através da precisão de uma imagem. Mas não quero teorizar sobre isso, porque a poeta que sou está pouco incomodada com teoria. Quando escrevo uma primeira versão de um poema, deixo fluir o sentimento. Depois volto e cuido do poema, já disse várias vezes, como quem cuida de um filho. E muitas vezes há poemas descartados e guardados,

porque não servem para serem entregues ao público. São poemas necessários, ou seja, que escrevo porque preciso, mas a minha necessidade é mais catártica do que qualquer outra coisa.

Agora mesmo estou fazendo um novo livro, começado há mais de dez anos. Chama-se *Coisas da alma*. O título me chegou junto com as ideias, e eu ainda não tinha nenhum poema. Hoje sei que esse livro terá poemas, cartas, ensaios e outras reflexões, além de desenhos e pinturas que andei fazendo. Os poemas desse livro ainda estou selecionando, mas há muitos que provavelmente não entrarão, por serem desse tipo, poema necessário, mas apenas, por enquanto, para os meus olhos. Depois falo um pouco mais sobre esse livro que é muito especial para a minha alma.

Li os primeiros poemas do meu livro *Espiral de fogo* (Edufal, 1998) da parte I – “Poemas de mel e fogo” –, para o Sticky Bun Club e trabalhei todos eles a partir das críticas e sugestões dos integrantes do grupo. Depois me convidaram para uma apresentação pública num pub chamado “The Fat Cat”. Foi uma linda experiência, marcante para mim pela receptividade com que os poemas (li uns dez) foram recebidos pelo público do bar. Particularmente lembro-me de uma artista plástica que me deu seu cartão, porque havia se comovido de tal forma com os poemas que tinha ideias mil para fazer uma arte para a capa do livro, com veludo, dourado e sei mais o quê! Eu não gosto da capa escolhida pela Edufal que entendeu o livro de modo literal e colocou uma imagem de vulcão representando os poemas. Se eu fizer uma nova edição, certamente farei outra capa. Mais significativa para o meu sentimento em relação ao livro e às situações mobilizadoras de cada poema escolhido desse livro. Há inclusive poemas que vieram primeiro em inglês na minha mente e só depois fiz uma tradução, que é algo muito difícil, quando se trata de poesia e mesmo eu tendo conhecimento da língua inglesa, muitas vezes o laborar do poema na outra língua pede imagens diferentes e nesse ponto, penso que a palavra mediação cultural na “tradução” (de uma língua para outra e também na expressão de uma cultura para outra) de um poema explicita tudo. Aprendi isso na prática e, também, a partir de uma aluna muito querida da graduação que começou a trabalhar tradução comigo no PIBIC, e agora está se terminando seu doutorado na UFMG, Letícia Romariz.

Escolhi “Não fique só me olhando: me sinta”, da Parte I do livro porque considero muito significativo a identificação que algumas leitoras têm com este poema:

Pareço gentil
feroz, inocente,
sexy, inteligente
criativa,
mulher?

Sim, sou forte
é o que todo mundo me diz
você já pensou
nas minhas lágrimas
minha insônia

dores de cabeça
cólicas
e solidão?

Sim, sou livre
livre pra dormir sozinha
pra ficar sozinha
pra não conversar com ninguém
e pra ninguém conversar comigo

Alguns dizem que tenho um lar
mesmo assim
não o divido com ninguém
me chame de egoísta, vai
mas não me cobre
a falta de coragem
de lhe pedir pra ficar

Tenho medo
odeio ficar sozinha
odeio quando você se vai

Choro
rio
escrevo
e bebo café
e me sinto bem também
às vezes

Sou confusa
sou mandona
e boa cozinheira

Mas
não há ninguém aqui
ninguém é meu
não sou de ninguém em lugar nenhum

Sou colorida e bela
sou cigana e solitária
por que me culpas por eu ser forte?

Sou e não sou
quero alguém
não tenho ninguém
e ainda tenho que ser feliz
sozinha.

A segunda parte desse livro chama-se “Poemas de mata e Fogo” e é inteiramente dedicado a uma viagem que fiz à região amazônica em companhia do artista plástico inglês Julian Cooper que estava em viagem de estudo para produção de obras sobre a vida de Chico Mendes, o ecologista assassinado pelo filho do fazendeiro Darly Alves. Nessa travessia poética também há poemas que foram escritos primeiro em inglês e depois traduzidos para o português. Mas, dessa parte, escolhi um que trata da veia humana que traduz a violência que nós próprios fazemos com o outro. Chama-se “Canoas no Igapó” e partiu do meu encontro com uma menina de uns sete oito anos chamada Esmeralda, uma caboclinha que encontrei por lá, enroscada num bicho-preguiça (ou o contrário, já nem lembro mais), a quem dediquei o poema:

A canoa corre no igapó
corro o olho n'água
cheia de cipó

Vejo bicho-criança
criança-bicho
de olhinhos miúdos
os dois de dar dó.

Vejo criança e macaco
macaco-criança
domesticado bicho
bicho e criança
de mão estendida
de fazer dó.

E vejo turista-bicho
a fazer fita pra fotografia
com bicho e criança
Esmeralda pálida,
de riso frouxo
o olhinho miúdo
de fazer dó.

Esse livro está esgotado, contradizendo a editora da época, que me disse que poesia não vendia e que não havia como fazer uma segunda edição. Creio que hoje só se encontra em sebos de Maceió. Eu mesma não tenho mais nenhum exemplar disponível.

Em 2003 publiquei meu segundo livro de poesia *Ilha de olhos e espelhos*, também pela Edufal. Esse livro foi uma busca muito grande para construir, no sentido que foi quando entendi que a poesia em mim não gosta de concorrência acadêmica. Explico: como eu estava muito dedicada aos trabalhos acadêmicos, a poesia fechou o tempo comigo, porque não havia espaço de dedicação a ela. Foram cinco longos anos e nesse tempo cuidei da carreira acadêmica, enquanto a poesia ia enchendo as gavetas. Nesse

sentido, quando a agonia da palavra poesia começou a me rondar, já haviam passado cinco anos. Desta vez organizei o livro em quatro momentos: “Das palavras”, “Dos lugares”, “Das gentes” e “Dos amores”, mas acredito que essa organização “acadêmica” é puramente formal, porque dá para encontrar das quatro vertentes em cada uma delas. Dediquei poemas a amigas e amigos, porque via neles um pouco de cada um/a dessas pessoas.

Escolhi um de cada parte: I Das palavras: “A busca dos homens”

Difícil pensar nos homens
buscando as mães
sem querer colo.

Buscam os homens
sempre os pais
para a faca forte
que corta o labor

Tal qual Heaney na sua Irlanda
buscando no pai e no avô
a pá que cava
o poema-comida.

Já as mulheres buscam
buscam buscam
e nem sempre encontram
raízes temporais
que lhe marquem mais a vida
senão as mães.

Mães de vida que pulsa
mães de ideias que brotam
mães de palavras cruéis
ou de sementes musicais

cantando, celebrando a alegria
como quem peneira ouro
diante do sol.

II Dos lugares escolhi um poema sobre Maceió, sua linda paisagem aquática e todos os senões que caminham por sua história e que se entremeiam com as nossas. Chama-se “Encantos Escassos”

essa Maceió tem

um mar de deuses
de entranhado azul

e esperançado verde
que sombreia os coqueiros calados

e eu que nunca te vi
te olho hoje
como quem se resigna
e aceita uma sina

tuas encostas
são castelos de vento
que o tempo do mar esculpiu
com mãos serenas
quase divinas
pintando na terra
dissolventes e úmidas
falésias
que feito voçorocas mineiras
sobem argutas
como quem olha ao longe
divisando ameaças e monstros
vestidos de metais e couro
usando espadas de prata
a combater inimigos de arco e flecha.

a areia a brilhar no pé calçado de bota
é joia de encantar deusas gregas
que como Afrodite se desnudam
e renascem virgens banhadas de água e sal

se teus encantos
me acalmam o pranto
sinto-me ainda feito Cassandra,
filha da traição divina
e guardo esse divino dom
de versar palavras
que não valem sequer um vintém

assim como tu
massaió de lagoas lindas
e sujas
de falésias em falência
que se derretem de tão belas
sou eu
poeta de voz perdida
em desencantos
nessa terra de encantos
tão escassos

Escolhi da parte III Das gentes: “Faxina”, porque é um poema que ainda hoje me mobiliza:

Preciso arrumar
a casa.

Hoje sou tantas
Pessoas

Preciso só
Me ser.

IV Dos amores: “Livros e amantes”, a quem dediquei à escritora Arriete Vilela, amiga e leitora voraz como poucas:

Livros?
Melhor não tê-los.
mas sem tê-los
como saber de seus incontáveis
segredos?

—São palavras
apenas.
podem até dizer.

Mas se ficarem guardadas
ficam caladas, amuadas
um horror.

Melhor dispô-las
em prateleiras azuis
onde os olhos se espalhem gulosos,
e as mãos fiquem palpitando para tocá-las.

Ou então escondê-las entre as almofadas
do quarto de dormir
e só lê-las
quando brotar nos olhos
o desejo pelo ser amado.

Só assim o clandestino amor
pelas palavras pode descer do pedestal
e embeber-se no mel
enquanto os olhos tecem
estrelas no papel.

As horas da minha alegria é de 2013. Foram dez longos anos sem publicar poesia. A conta é a mesma: dedicação total à academia e ostracismo para a poesia, apesar das centenas guardadas nas gavetas e sem a devida atenção. 2012 foi um ano atípico para mim: minha mãe se foi desta existência logo no comecinho do ano e com ela também se partiram muitos dos laços que me ligavam à minha cidade, no interior de Minas, mas também foi o ano em que recebi uma medalha comemorativa dos cem anos da cidade, algo que jamais esperei.

Foi uma festa linda organizada por muitas pessoas, entre elas meu irmão Armando, ator, escritor, hoje com a saúde bastante fragilizada devido às muitas pedras que encontrou na sua caminhada. Essa medalha foi para mim um reconhecimento pelas minhas realizações como professora, pesquisadora e também como poeta, filha da terra. Foi um momento bonito de participar, ali na praça da igreja matriz, próximo aos banquinhos onde tantas vezes me sentei, como jovem adolescente, aguardando as paqueras passarem ou conversando com as amigas em frente à boate de Gepeta, que minha mãe tanto detestava saber que eu gostava de ir, para dançar. Nada mais de errado ali. Dançar até os pés doerem. Armando colocou um pé-de-livros na praça. Livros para quem quisesse ler, trocar, enfim. Depois disso, passei por um momento de entristecimento imenso, pela falta que a minha mãe fazia e esse contexto de perda acabou me levando para o adoecimento físico. Não tive depressão, porque não sou uma pessoa de ficar remoendo as tristezas, ainda que elas tenham o seu tempo em meu ser e depois possam virar poemas, mas tudo isso me fez descobrir uma arritmia cardíaca diagnosticada posteriormente.

Um dia caminhando na praia de Jatiuca, encontrei uma amiga que me abriu generosamente os braços e, desse abraço, redescobri algo dentro de mim que levou à meditação e à busca de uma força espiritual que eu apenas havia visto em minha mãe. Alimentei essa força em mim e, nas minhas meditações e caminhadas diárias pela praia, mergulhei fundo na busca de uma pessoa que ainda estou descobrindo, mas que me agrada mais do que a Izabel dos dois livros anteriores. Um dia, numa dessas caminhadas pela areia da praia, descobri uma voz íntima que me soprou a necessidade de produzir um novo livro. Há tantos poemas guardados. Publique outro livro. E com essa voz íntima me incentivando amorosamente a cuidar da poesia e de mim, fui buscar nas gavetas os poemas que queria incluir no livro e, mais uma vez, dividi em temas: “Minas”, “Esquinas”, “Mundo” e “A casa no exílio”, ou seja, o livro trata de lugares mais que qualquer outra coisa. Decidi fazer uma publicação com mais cuidado editorial e por isso fui buscar na Editora Mulheres uma edição bonita e bem cuidada e foi isso que Zahidé Muzart me ofereceu. E aqui faço um parêntese, porque a editora acabou em 2015 quando Zahidé se foi. Esse livro é para mim uma alegria. Coloquei no título a palavra porque a alegria precisa estar presente em nossas vidas de toda forma. Alguns poemas são bem introspectivos, porque este talvez seja o meu livro mais autobiográfico, se bem que desconheço quem faça poesia e não parta de sua própria experiência, ainda que esteja falando do outro. No livro há, inclusive, interpretações minhas de histórias que nunca conheci ou participei, mas o seu impacto poético demandou a criação do poema. É o caso de “Flor cigana no meio do sertão”,

que ofereci ao meu querido amigo Sávio Almeida, autor da história da cigana do poema, com a qual possivelmente me identifico. Os ciganos são um povo da margem e, assim sendo, têm resistência, resiliência no meio das adversidades. Isto, resistência, é o norte que sempre buscamos. É isso mesmo, fazendo política e poesia, que mal há?

Terra palha, poeira e cinza
Sem sombra à vista.
Xique-xique aqui e ali, acolá também
Vento seco seco correndo sem rumo pra lá e pra cá

E ela bela, rosto corado de suor e sol
Riso lavado e cara suja
No olhar pó e poeira cismando nos cílios
Meninas negras um brilho só
Feito onda serena coberta na sombra da mão

Quem é, o mundo nem sabe
Anda anda andarilho povo
Lenço na cabeça e saia de chita desbotada de tanto uso
O sorriso novo molhado é do céu
Paraíso dentro do meu coração sedento.

O homem chama, ela olha cismando o tempo
Adivinhando chuva, talvez
E eu parado na beira da estrada
Com o corpo cansado e a mão na testa olhando a moça
Um riso suave me tenta
Olho o chão de soslaio e vejo vindo no vento
A flor branca e bela, única boiando no xique-xique

Dessa parte também gosto muito de “Milagres”, poema escrito em viagem pela cidade de Milagres na Rio-Bahia, numa das tantas vezes em que viajei para Pedra Azul de carro, olhando a paisagem, enquanto meu irmão João dirigia e Pedro, menino, dormia ou brincava no carro.

O que guardam os cactos
entre seus espinhos?
São olhos agudos
Espinhando a vida?

Secos ou verdes
Esticam mãos (ou tentáculos)
Carregados de espinhos para o alto.

O que pedem?
Querem salvação?

É uma agressão contida
Espinhosespinhosespinhos.

“Autobiografia” é outro poema que gosto muito. Muitas leitoras também.
Dediquei-o a minha mãe, D. Bela, que sempre dizia que:

Tempero pronto é para mulher preguiçosa
– eu sou uma delas...

Meu fogão é o computador
os livros as panelas
as canetas são colheres
e os pratos os papeis que escrevo/como

poemas
críticas
extensões do meu pensar
as receitas cotidianas
que esqueci de anotar.

O poema “Retrato natural” (“Mundo”) ofereci a Cecília Meireles. Ele “explica”
o título do livro:

Olho as palavras cecilianas
e me comovo no papel
ah, esse poema miúdo
é meu oferecimento
à poeta de espelhos, luzes e estrelas
tão lindas, tão brancas, tão nuas...

Meu rosto também se perdeu
e se hoje sinto o aroma vermelho e branco
nas malvas e campos de flores
é que o espelho onde pensei estar
eu sequer existia, Cecília.

E tu, linda poeta,
tuas palavras palmo a palmo
sorriem risos alegres e tristes
por vezes cheios de senões
noutras feito zinco onde o sol bate
estalando de quente.

É para ti, poeta bela,
que falo todas as palavras desta página
antes branca e vazia

E se tu gostares,
quero que tu me ensines
verso a verso a ser feliz e leve
feito criança de colo.

Assim o peso da vida vira pluma ao vento
e o cheiro transparente e puro
das romãs maduras e vermelhinhas
tornarão eternas e succulentas
as horas da minha alegria.

Deste livro gosto de tudo, especialmente do último poema, sem título, que fala das minhas escolhas, dos portos por onde andei:

*Aqui se encerra o livro das partidas e chegadas, poemas, trilhas e tramas.
As horas da minha alegria; da minha tristeza também.
Talvez por compreender que minhas veias abriram outras portas e, se ainda
Meu coração me prende a Minas, há um mundo vasto para além da janela de
Casa e os lugares são tantos.
Aqui, nesta terra de mar verde, continuo estrangeira, como em todos os
Lugares onde vivi.
Se sou de lugar nenhum
Nem de lugar algum
E se a terra não me tem
Meus desertos tem dunas que escondem oásis e sombras por onde quer que
Eu ande.
Ainda quero voltar a Minas. Além das montanhas o mundo é vasto.
Aqui
Descobri um porto de chegada e as sombras são calmas e os coqueiros têm
Água doce. Por que não aportar? Se há tempestades, há também noites
Serenadas quando a lua se mostra pérola no meio do mar. É aqui mesmo que
Vou ficar.*

Outro dia lendo uma poeta moçambicana, Sónia Sultuane com seu *O lugar das ilhas* (2021) encontrei muitos ecos dessas minhas ilhas. Uma conversa entre continentes, pode-se pensar.

Dizem que o número quatro é um número perfeito, que fecha as escolhas de um ciclo. Assim, o quarto livro, *Coisas da alma*, como já disse, está em fase de

organização. No momento digito tudo o que escrevi desde 2012. Ainda não selecionei o que vai permanecer e o que vai sair para aquela gaveta do meu acesso privado. Esse é um livro que só vai terminar com as histórias de uma viagem que fiz à Índia em janeiro de 2019. Vou trazer o que a Índia tocou em mim. Já ouvi muitas coisas, já sonhei com coisas da Índia. O que guardou a Índia para mim? Não me fiz turista ali. Aprendi um pouco mais sobre meditação, sobre o mergulho no mais profundo do nosso ser e isso eu encontrei, pelas minhas necessidades e o meu desejo de crescer e espiritualizar um pouco mais a minha existência. Muita gente muda de nome, mas isso não faz parte da minha história, porque gosto de Isabel com “z”, algo que só aprendi aos dezessete anos, por isso minha identidade é a de Isabel com “z”. Quando me chamam de Isabel com “s”, esta não sou eu. Definitivamente se alguém tem uma identidade com “z”, esta sou eu. Assim, a Índia é um lugar que me mostrou um pouco a extensão da minha espiritualidade e vai me permitir dar um fecho a esse livro que é tão importante para mim, porque expressa toda a minha canalização amorosa no seu sentido mais profundo. O livro de filosofia hindu chamado *Upanishads*, que já li inúmeras vezes, diz que tudo que não é o Self, perece. O corpo é provisório. Perece. Já o espírito permanece, porque temos muitas existências para aprendermos a ser seres humanos melhores do que hoje somos. É isso que estou em busca. É isso que esse livro promete no meu desejo. Escolhi um poema que gosto muito e que diz do amor e seu significado profundo para mim e mesmo ainda tendo imensas dificuldades nessa compreensão, sinto com alegria que sem essa perspectiva entranhada no nosso íntimo, não conseguiremos fazer nada da nossa caminhada pela Terra. Chama-se “Poema da volta”, que dedico a um grande e amado amigo da minha alma, que conheci nas minhas andanças espirituais:

vejo mar em você, amor
água clara e calma
ondas miúdas rebentando em suaves tons
na beira da praia.

vejo barcos no retorno, amor
ao porto aportam plenos de peixes
pescador feliz de volta à casa onde sou
e te espero.

vejo pescadores muitos em você, amor
morenos de sol, sal e mar
cansados da labuta, mas risonhos da colheita.

e eu, amor, quero ser terra para ti, sempre
seu porto
seu colo
seu aconchego e abraço

e eu, amor, quero ser areia derramada em ti
dourada de sol
reluzente de alegria
e com o coração em festa

sempre
sempre
por ti, amor.

Então, quero terminar esse depoimento agradecendo a oportunidade de poder conjugar algumas anotações acadêmicas com a poeta que também sou e desejar que a Ártemis, continue seguindo os passos da deusa guerreira por mais vinte anos, oportunizando palavras feministas a quantos ouvidos a queiram ouvir.